

SEMANARIO HUMORISTICO



Direcção literária de: JOSÉ DE ARTIMANHA e DR. KNOX

NA HORA DA PARTIDA

A direcção do "Boavista", mandou encher alguns milhares de envelopes de terra da nossa terra para deixar no Brasil.



Quem tem terra?!... ou dá terra para feijões!...

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.ª

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819—PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Direcção literária de:

JOSÉ DE ARTIMANHA
DR. KNOX

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

PLANO GERAL

— DO —

GRANDE CONCURSO

PIM-PAM-PUM

Na nossa última página está gravada uma autêntica **BARRACA DE FANTOCHES**, com 26 bonecos, todos diferentes.

Semanalmente, serão atirados **CINCO BONECOS** abaixo. Para isso serão fornecidas aos concorrentes as seguintes bolas.

Na 1. ^a Semana	9	bolas
» 2. ^a »	8	»
» 3. ^a »	7	»
» 4. ^a »	6	»
» 5. ^a »	5	»

Ficarão portanto a favor do concorrente 10 bolas, porque entre os 26 bonecos há um, a que daremos o nome de **Sempre-em-Pé** que não deverá cair.

O concorrente que o tomar, recuará **um ponto** na classificação que lhe irá sendo atribuída da seguinte forma:

1 PONTO por cada boneco em que acerte.

Para controlar os **mortos** da semana, estarão afixados nas **Montras da Agência de Publicações, na Praça da Liberdade, do Pôrto**, desde o início do concurso, cinco envelopes, que serão abertos tódas as 6.^{as} feiras seguintes, correspondendo cada um a cada semana do concurso.

Independentemente a **MARIA RITA** publicará a lista dos pontos obtidos por cada um dos concorrentes e a barraca com os bonecos atirados a baixo.

Só no último envelope aparecerá o **Sempre-em-Pé**; e por ele poderão os concorrentes fiscalizar se os pontos que lhes forem arbitrados estarão certos.

Graça — Distracção — Maçaroca

O que é preciso é

SORTE E BOA PONTARIA

Experimentem a sua mão certa

Vá lá ver a sua sorte!...

N. B. — Este concurso poderá ser iniciado depois da primeira semana. Para isto, bastará ao concorrente remeter as **barracas** publicadas desde o início e ser-lhe-ão marcados os seguintes pontos:

1 semana de atraso	= 2 pontos
2 » » »	= 4 »
3 » » »	= 6 »
4 » » »	= 9 »

Desta maneira, e sem que sejam prejudicados os que jogam desde o início, toda a gente poderá concorrer ao nosso grandioso concurso nacional de

PIM-PAM-PUM

Lista de Prémios

1 prémio de 500 Escudos ao concorrente que totalize os **25 pontos**.

3 prémios de 200 Escudos aos concorrentes que alcancem mais de **22 pontos**.

5 prémios de 50 Escudos aos concorrentes que alcancem mais de **20 pontos**.

5 prémios de 5 garrações de vinho cada, IDEAL DO LAVRADOR, aos concorrentes que em todo concurso não atirem abaixo o **Sempre-em-Pé**, seja qual for o número de pontos alcançado.

200 prémios do valor de **10 Escudos** cada, aos concorrentes que alcancem mais de **15 pontos**.

Total: cerca de 4.000\$00 Escudos

Concorrer ao **PIM-PAM-PUM** é ter a certeza de ganhar alguma coisa



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Segundo uma nota oficiosa do Governo, andam novamente à solta, e desenfreados, boatos aterradores. Que vai estalar mais uma revolução... Que de esta vez a coisa há-de ser tesa... Que não fica pedra sobre pedra. . . Que os perseguidos e os descontentes hão-de molhar largamente a sua sopa. . .

A estas atoardas, propaladas à boca chiuza, contrapõe o Governo a afirmação de que se procura por esta forma criar uma atmosfera revolucionária, mas que estão tomadas tôdas as medidas para jugular no ôvo qualquer tentativa de alteração de ordem.

Com franqueza: acostumado, desde 1910, às revoluções periódicas, marcadas pelo calendário, e sucedendo-se com uma pontualidade de eclipse, já se me estava afigurando desmarcado escândalo tão longa ausência de intontonas e boatos como a que presenciamos de há uns anos a esta parte. Supponho, mesmo, que já a Liga Portuguesa das Mulheres Casadas tinha tomado em consideração tamanha calamidade e resolvera pôr-lhe termo, mesmo à custa de um certo sacrificio pecuniário. Porque a aspiração máxima das mulheres casadas foi sempre que os maridos não saiam à noite, ou, pelo menos, que recolhiam cedo. E os boateiros, de braço dado aos fazedores de sarr-fuscas, serviam à maravilha esse desejo.

Estava um café cheio de burgueses, palestrando animadamente ou jogando o dominó. De súbito, acercava-se um conhecido, estendia dois dedos em roda da mesa, e murmurava misteriosamente:

— Enfim, a tirania vai desabar! E' para esta noite. Mas guardem muito segredo!

Os outros emudeciam, mudando de côr. E enquanto o amigo passava a outra mesa, para reeditar o segredo, êles erguiam-se, sobraçavam as bengalas ou os guarda-chuvas, e abalavam à cata do primeiro eléctrico. E em casa, para as esposas, surpreendidas de os verem regressar a horas tão inesperadas:

— O' mulher! Fecha bem as portas e as janelas. Vamos ter bernarda grossa!

Ao acordar, a primeira coisa que perguntavam à criada era «se havia alguma novidade lá por fora». Que não, que estava tudo tranqüillo. Ficavam um pouco decepcionados. A' tarde,

encontrando na Praça o informador da véspera, atiravam-se a êle:

— Então essa revolução? Boa patarola nos pregou você ontem!

E logo o outro:

— Houve contra ordem à última hora. Um general que adoeceu de repente. Mas por toda esta semana. . .

Sob esta ameaça, o burguês entendia que o mais prudente era deixar-se ficar em casa as

noites seguintes. Passavam duas, três semanas, um mês, dois meses. Enfim, a revolução estalava. E ao ouvir o crepitar das primeiras balas, o burguês instalava-se na *cave* com a família, dizendo para a *entourage*:

— Afinal, Fulano tinha razão. Cá está ela! Ah! Aquele bebe do fino! Sempre bem informado.

Passada a trovoadá, varridos os cadáveres das ruas e os ministros do poder, o burguês reaparecia para a tertúlia nocturna, sentava-se de novo à mesa do café, pedindo ao criado um cálice de genebra e a caixa do dominó. E ainda a primeira partida não tinha acabado, já o *informador* habitual surgia, de dedos estendidos e segredando:

— A *coisa* está a preparar-se. Dentro de poucos dias. . .

E logo na seguinte noite:

— Acautelem-se, meus amigos. Por toda esta semana. . .

Os "Lusíadas,, ilustrados

IV

BERNARDINO MACHADO



*Este povo que é meu, por quem derramo
As lágrimas que em vão cãdas vejo. . .*

Canto 2.º — XL.

Ora, de há uns quatro anos para cá, as coisas mudaram. Desapareceram as revoluções e desapareceram os boateiros. O burguês criou alma nova, espanejou-se, acostumou-se a abalar de casa apenas deglutido o jantar e a recolher tarde e a más horas. Ao chegar: eclodiam as recriminações da praxe, as réplicas azedas, as disputas, zangas e amuos protelando-se dias infundáveis. Até divórcios. Compulsem as estatísticas, e verão como os desquites judiciais teem aumentado nos últimos tempos. Tudo isto porquê? Por terem acabado as revoluções e os boatos.

Porque — desenganem-se — para que exista a ordem nos lares, é preciso que haja a desordem nas ruas.

Ah! Os boateiros! Verdadeiros beneméritos nacionais. Se êles não existissem — afirmam-no tôdas as mulheres casadas *una voce* — seria preciso inventá-los.

Marcial Jordão.

Balancete da semana

Olha a gente em redor,
e não vê um só facto curioso.
Falemos do estrangeiro, que é melhor,
e menos perigoso.

O principe Guilherme Hohenzollern,
vergõntea vicejante, mas sem cerne,
do Kaiser destronado,
disse num seu discurso, ùltimamente,
que do actual ministério o presidente
fôra por Deus mandado.
«Enviado de Deus» — exactamente
assim. E de aqui tiro o postulado
de que o Deus da Alemanha é diferente
do Deus da outra gente
... e nomeou Satan seu delegado.

Se é mandado por Deus, como acontece
que os pobres dos católicos dissolva
e, num gesto refece,
a Roma, a *sancta mater*, os devolva?
E não será um crime que aos céus brada
torcer os braços da ominosa cruz
onde penou Jesus
para fazer com ela a cruz gamada?
«Enviado de Deus...» Nesta oração,
quantas frases a esmo!
Também Atila o foi... E Napoleão
de si dizia o mesmo...

O general Azaña, presidente
do governo espanhol
tinha comprado, a crédito sòmente,
muitas acções do quotidiano *El Sol*.
Mas no prazo fatal do vencimento
— diga-se em seu abôno —
não pôde efectuar o pagamento,
e *El Sol* mudou de dono.
Caso estranho sem dúvida, leitor!
Um estadista que, presidência,
tinha ao seu bom dispor
os cofres da Polícia e da Assistência!
Pois de que servem, em qualquer país
de esta Europa infeliz,
êsses cofres, mais fundos que o Averno,
senão p'ra sustentar,
proteger e guardar
os jornais que defendem o govêrno?

A Liga das Nações mandou à América
enorme comissão
p'ra resolver a pristina questão
do Paraguay com a Bolívia histérica.
Expediente fraco
e digno de risota:
vai a questão do Chaco
descambar em chacota...

A Conferência Económica

Afinal, êste formidável certame
dial não passou, cá no nosso fra-
entender, de uma nova Conferên-
Naval, porque deu em águas...
bacalhau.

E ao passo que alguns países,
país do abôrto se esforçam por en-
trar a melhor forma de fechar aqu-
sem quebra de dignidade, os out-
componentes, aqueles que partir-
para Londres na esperança de ir
assistir a um auspicioso baptiza-
acomodados beatificamente ao red-
de uma mesa cheia de iguarias d-
outros, vão regressando aos seus pa-
ses, desiludidos e sem terem aproveita-
a ocasião de estenderem a mangueir-
E' claro que os grandes órgãos
imprensa, fazem impossíveis para de-
rem as culpas ao vizinho; e os grand-
estadistas, esgotam as entrevistas e
ofensas à moral pública que foi
grande culpada do estado a que
coisas chegaram.

Mas quanto a nós, a verdade é
esta: os govêrnos não autorizaram
seus representantes a dizerem se
esta frase: *E' ó dás!*... ou esta: *E*
vê-lo?...

E' claro que muitos conferencista
devido à diversidade de línguas, não
perceberam nada. E daí, veio a
compreensão e a respectiva falta de co-
cordância. E não hão-de ser poucos
delegados que ao deixarem a vel-
Londres se hão-de voltar para trás
traçar no ar a curva graciosíssima
gesto do Zé Povo.

A queda do Dólar

Não resta dúvida que os america-
são grandes em tudo. Até quando
caem!...

E que tombo, Senhor! Dir-se-ia que
o dólar foi arremessado do alto de um
daqueles arranha-céus fantásticos e ve-
cá em baixo estatelar-se nas pedras
calçada.

Também não fica dúvida que as
quedas estão em moda. Há dois anos
foi a libra que caiu do cavalo e esmur-
rou as estimáveis trombas; agora é
o dólar. E não estamos em êrro a
pensarmos que muito em breve há de
ser o franco ou o florim a despedaçar
os queixos.

E ainda há quem diga que Portugal
não dá cartas ao mundo?!...

Isto que se está usando hoje
fora, já é coisa velha na nossa querida
terra...



A festa de inauguração do Casino de Bom Jesus e as suas consequências — O jornalista fenómeno — Efeitos rápidos do espumante da Raposeira — Graxa mal aplicada

A festa inaugural do Casino do Bom Jesus | do Monte, que afirmam ter decorrido com desu- | animação, entusiasmo e brilho, ficou todavia | muito além da *brilhantíssima* notícia que à | festa se refere, vinda a lume no *Correio do* | *Monte* de Terça-feira, 4 do corrente, da autoria | de um *talentoso* incógnito, grande entre os mais | conhecidos, formidável entre os maiores portu- | gueses *Cacianos* da Lusitânia.

Aquilo sim; é um mimo. E' qualquer coisa | de surpreendente, sumptuoso e nunca visto; bem | como o autor duma barraca de exposição a es- | tado por entrada onde fôsse possível contemplar | um verdadeiro assombro, tão prodigiosa cabeça.

E daí, quem sabe?? Talvez as orelhas ainda | não tenham mais admiração.

Não é impunemente que tecemos elogios a | quem tanto os merece e assim passamos a trans- | crever, na íntegra, períodos vários da notícia | em referência:

A concorrência selecta, «distinguee» e de pésc.

Concorrência selecta e distinta (embora dis- | tincta à francesa, como pretende o articulista) | ainda compreendemos, mas, de «pêso», franca- | mente; não nos consta que no Casino haja ba- | nca nem nos parece que a Comissão de Inicia- | ção e Turismo leve-se a seu cuidado a verificar | a presença dos seus convidados antes ou depois | de jantar.

Resta-nos admitir que o articulista tenha por | esta alta recreação indagado do péso dos circun- | stâncias e, a ser assim, não seremos demasiado | indiscretos formulando uma pergunta?!

Já que lhes sentiu o péso, porque lhes não | mostrou também as *medidas*???

O Sr. Dr. Juiz Pinto Osório, que, num | *distinto «aplomb» que se impõe, bem mos-* | *tra que a convivência com a justiça e «Jus* | *Romanum», não é incompatível com o bom* | *tom.*

Há-de concordar no excesso de q q; mas | pouco importa, visto o tipógrafo possuir *costas* | largas.

O Sr. Dr. Juiz devia ter ficado *sensibiliza-* | *dissimo com o seu reparo.*

E' claro que se não fôsse o articulista ainda | ninguém tinha dado por isso.

O Sr. Comandante da Policia entra | *devagar, cauto e prudente... A fôlha dos* | *Judeus do Bom Jesus não é das melhores* | *corridas...*

Esta não lembra ao diabo! | Quando é que o articulista lobrigou o | Sr. Comandante entrar a correr, especialmente | em circunstâncias destas??

Cauto e prudente... | E' fantástico!

Ainda que os judeus fôsem suspeitos, como | o amigo hitlericamente afirma, de modo algum | se justificaria a cautela e prudência do Sr. Coman- | dante de Policia no Casino do B. Jesus.

Pelas almas dos seus maiores, evite con- | fusões desta ordem!!!

Gente do bom tom à mistura com judeus | de duvidosa fôlha corrida... é único; a não ser | que o articulista fale nos outros reparando apenas | em si próprio.

O Dr. Domingos Afonso é a alma e a | *vida da festa. Fascina.*

Não querem ver?! O articulista se calhar...

Vai, vem, entra, sai, cumprimenta, | *atende a todos, dança, sorri, ri, multi-* | *plica-se e divide-se...*

Esta do Sr. Dr. Domingos Afonso ir e vir, | entrar e sair, atender, cumprimentar e dançar, | rir e sorrir, com tanta facilidade e tão de-prêssa, | sugere-nos a ideia dum *record* de difícil realiza- | ção, mas passa.

Agora o mesmo Sr. Dr., simultaneamente | dividir-se e multiplicar-se, deve ser muito inter- | essante... Até parece uma máquina de cálculo.

Só nos resta saber se dessas multiplicações | e divisões a articulista tirou a *prova*.

Aquela linda festa é obra sua. Ali a | *Comissão de Iniciativa é êle. Ele é toda a* | *Comissão.*

E' caso para perguntar para que servem os | outros membros...

Escolheu as porcelanas, os cristais e | *os linhos. Dispôs as mesas. Seleccionou* | *os vinhos. Marcou o «menu». Organizou* | *a orquestra, recrutou o pessoal masculino* | *e fez o exame da admissão do feminino.* | *Calçou-os e vestiu-os...*

Recrutar pessoal masculino e fazer a admis- | são do feminino nos tempos *bicudos* que decorrem, | motivo é, para felicitarmos o Sr. Dr. Afonso; | porém, calça-los e vesti-los...

A elas, compreende-se; a êles... prova de | mau gosto.

Deve haver engano, com certeza. | Que nos conste, só o articulista é que soube | que o pessoal entrou à *pat Adão*.

A mesa do Sr. Dr. Alberto Cruz, é | *uma constelação de que êle é o sol.*

Aqui há um pouco de exagêro. O Sr. Dr. Al- | berto Cruz, na sua qualidade de médico tem-se | limitado a espalhar alguns raios X, Ultra-violetas | — e possivelmente ate infra-vermelhos.

Pena é sômente, que não possua um raio | que *divida* o articulista.

A-pesar-de todas estas irradiações não se | pode concluir que o Sr. Dr., seja tão *quente* | como o articulista o imaginou, | (Segue com a descrição dos vestidos).

Madame F. G., numa «toilette noir». | *Madame G. de A. em «grenat». Madame B.* | *de C. apresenta um modelo «Jupe rose-* | *pale» com uma «Jaquett bleu-turquin».* | *Oh! Meu Deus! Abrigado os nossos* | *muros, encoberto, algum «Couturier do* | *Boulevard»??*

Abrigam, certamente; e, é fácil deprender- | se que o costureiro é o articulista.

Estamos tentados a perguntar porque é que | o *amigo* sabendo tanto da *poda* se não ofereceu | para vestir o pessoal!...

Madame A. E. em vaporoso vestido | *de «mousseline bleu claire». Madame P.*

também em «mousseline». Madame V. A. | *«toilette vert de mer». M.^{elle} D. G. «robe»* | *branco. M.^{elle} P. «toilette bleu pale», etc., etc.*

Como V. Ex.^{as} podem verificar o articulista | se não é de verdade um costureiro parisiense, | apresenta-se pelo menos como um *afrancesado* | caixeiro de modas.

O Sr. Alferes Barradas, gentil, repre- | *senta ali a ala nova do exército: A ala* | *dos namorados.*

O Sr. Alferes deve estar derretidissimo com | a declaração, mas não aceita.

O aparecimento do Oegipan no cume | *do Olimpo, não causaria a maior surpresa* | *de que o ver-se uma mesa inteira de rapazes* | *não dançar...*

Realmente; uma *mesa de rapazes* por muito | partida que seja causa sempre sensação, quanto | mais sendo inteira!!

Esta vai com vista ao Cadeiras da R. do | Souto por ser uma criação ultra-moderna.

Não haverá também mesas de raparigas??

Mas o Sr. Armando Almeida com a | *sua invejável mocidade, e dançando primo-* | *rosamente, ficar-se num «far niente», que* | *tão pouco tinha de «doce»...*

Descanse que o Sr. A. Almeida para a pró- | xima vez empregará toda a sua *invejável moci-* | *dade* a fazer muitas *coisas doces*; nesse dia é | que estava mal disposto.

Porém, o que podemos garantir-lhe é que | nada aproveita com tal *invejável mocidade*.

Serve-se o peru assado. Abre-se o | *«champagne».*

Por onde se prova que o articulista não se | limitou a provar e que o peru assado que lhe | serviram se transformou em *perua ao natural*.

Brinda-se o José Luis, a alma gentil | *numa gentil figura de Ramon Navarro.*

Com o vinho, o articulista ainda se pôs mais | *meigo*, sem perder a mania do sexo másculo. | Livra!!!

Lamentamos o Sr. J. Luis, que deve ter | ficado encavacadissimo.

O Sr. Dr. Domingos Monteiro, de | *quem se fala duma célebre conferência de* | *radicalismo extremo, é olhado com curiosi-* | *dade, ao começo, não despia de receio...*

Afinal é um rapaz de fino trato, que | *veste como nós, come como nós, dança* | *como nós e é amável como os que o são.*

Este sujeito é *formidável* nas suas apre- | ciaçãoes.

Que o Sr. Dr. Domingos Monteiro seja | como todos os outros, concordamos, mas, como | o articulista, é impossível; não há segundo.

Todos se sentem bem porque «nous | *aimons tout ce quis est beau»! E esta noite* | *é das que mais perduráveis recordações* | *deixará vincadas.*

Diz bem o articulista. Gosta do que é bom | mas nota-se que lhe faz mal a si e o que é pior, | aos outros também, que não tem culpa nenhuma | das suas fraquezas.

De facto essa noite deixou-lhe bem vincadas | belas *recordações*, pelo menos durante três dias.

Os atingidos que lhe perdoem atendendo | ao seu estado e a Comissão de Iniciativa, em | festas futuras, que lhe mande servir água.

Reporters Unidos.



Uma mulher fiel

A cena passa-se no Paraíso. Cenário naturalista. Uma grande macieira coberta de maçãs camoegas. Enroscada no tronco da árvore uma enorme serpente dorme, molengona, de língua bi-partida babosamente pendente das suas fauces húmidas.

ADÃO, barbudo, feio e com um pronunciado cheiro a boife, enlaçando Eva:

— Obrigado, meu amor! Estou farto! Não quero mais maçãs! Já sinto uma aqui atracada na garganta!

EVA, muito branca, muito nua, muito gel-tosa, muito... etc., etc.,... atrindo os fartos cabelos para trás das costas:

— Vá! Come mais uma! Quero adoçar-te a bôca e encher-te bem o estômago, pois não há marido mau com a bôca doce e o estômago cheio.

(Dengosa, roça-lhe uma nádega por um Joelho).

ADÃO, cada vez mais feio, mais barbudo e com o cheiro mais pronunciado a bode:

— Já que tanto ateimas!...

(Com um gesto brusco escana um galho

da macieira e põe-se a comer sôfregamente as maçãs).

EVA, percorrendo, extasiada, o seu olhar brilhante pela nudez peluda de Adão:

— Como és belo!

(Num impeto, dá-lhe uma palmada na barga que o faz vomitar uma maçã inteira).

ADÃO, abraçando-a, louco de amor:

— Amo-te! Amo-te!

(Vai para beijá-la, mas estaca, de repente, com um olhar de desconfiança:

— Jura-me, minha querida, que sou eu o teu primeiro amor!

EVA, solene, de mãos estendidas para diante, jurando:

— Juro-te que és tu o primeiro homem de quem gosto!

(A serpente, acordada, assobia por entre dentes).

Dr. Knox.

Uma anedota fora do tempo

Um dia, — ainda a ridente província do Minho não tinha sentido os benefícios do caminho de ferro, mercê do mau sentido do progresso de parte dos seus filhos, — vinha estrada fora, de Braga para o Pôrto, um homem, agarrado ao bordão e de saquitel ao ombro. Ao passar por um sapateiro-deu, dois espirros e o mestre bate-sola saüidou religiosamente: — *Dominus tecum.*

O homemzinho torceu o nariz, a rasmungar, sem conhecer o significado daquela expressão, e foi seguindo o caminho.

Já tinha andado mais de três kilómetros e, não se podendo conter, volta a trás, muito irado, jurando tirar vingança do sapateiro que tanto o insultara. Chegando a porta dêste, que se espanta de o ver, diz-lhe, sem mais tir-te nem guar-te:

— Olhe, seu patife: *Dominus tecu* é bocemecê; *Dominus teca* é a sua mulher; e *Dominus tequinhos* são os seus filhinhos. E fique-se com esta para exemplo, que não terá mais vontade de insultar quem passa à sua porta, desprevenido da sua pouca vergonha.

Alick.

A Estante da MARIA RITA

A Paisagem e a Melancolia no Drama lírico de Feijó, por Manuel Anselmo.

Manuel Anselmo é um novo. Sabemo-lo pelo que nos dizem... porque se avaliássemos a sua idade pelo que lemos, apostaríamos em como Manuel Anselmo já tinha dobrado o cabo dos cinqüenta. E nós não somos daqueles que só damos o direito de saber aos avançados na idade; mas há uma coisa que só com o tempo se consegue: é a cópia de conhecimentos.

E Manuel Anselmo, neste seu trabalho admirável sobre o grande lírico António Feijó, demonstra um apetrechamento literário formidável. Conhecedor e bom manejaor da nossa língua; apaixonado cultor da poesia francesa, e prescrutador de sensibilidades, não limita o seu trabalho à apologia de um formidável lírico, nem encabeça o seu esforço em louvaminhas pegadas. Demonstra, disseca, prova.

Manuel Anselmo, que temos acompanhado no seu seguro caminhar de trabalhador probo e consciente, deu este seu trabalho de agora numa conferência realizada o ano transacto nos salões do Grémio do Minho, em Lisboa, e passados meses e a convite do Instituto Histórico do Minho, repetiu a leitura no teatro Sá de Miranda, em Viana do Castelo, obtendo numa e noutra sala um enormíssimo sucesso. MARIA RITA que se orgulha de contar no número dos seus amigos o nome de Manuel Anselmo, abraça-o efusivamente.

J. d'A.

Três pessoas distintas...
... E tôdas autênticas

Padre, Filho e Espírito... esfuziante

São distintas, podem crer,
Na verdadeira acepção;
Distint s'p'o seu saber,
Distintas p'la educação.

Do Campos Monteiro, «Pai»,
'Scritor fecundo e brilhante,
O que da pena lhe sai
E' mui puro e cintilante.

Perito na medicina,
Sem manear a lanceta,
E faz obra superfina
Quando manobra a caneta.

Como está adoentado,
Entre os penhascos se encerra,
P'ra respirar, com agrado,
Os Ares da Minha Serra.

O Campos Monteiro, «Filho»,
Outro autêntico valor,
Escreve com muito brilho,
Sua prosa é um primor.

Como eu, também já andou
Por terras de Céus de Fogo,
Onde a saúde arriscou,
A existência pondo em jôgo.

O «Espírito», o «Artimanha»,
E' quasi monumental:
A sua graça é tamanha...
Não é ar, é vendaval.

E a e!, muito humilde, peço
Que não mostre, que não faça
Um esquisito arremêso,
A êste Ar da Minha Graça.

Oh! Boníssima Trindade,
Escutai a minha prece;
Mostrai a vossa bondade,
Por quem julga que a merece!

Cá nesta, ou em qualquer terra
Onde existem Céus de Fogo,
E os Ares da Minha Serra
Fazem bem, vê-se isso logo!

E a quem, por sua desgraça,
Tem figado a repontar,
Um bom Ar da Vossa Graça
Serve p'ra desopilar.

Bisnau.

≡ IMPRENSA ≡

Transcrição

A' Terra Minhota, jornal que se publica na risonha vila de Monção devemos a honra de uma extensa transcrição do nosso número de 1 do corrente.

Agradecemos penhoradamente.

Miscelânea curiosa—As nossas campanhas e a maneira como o público as recebe

A verdade é uma apenas: Qualquer que seja o assunto versado pela MARIA RITA, imediatamente nos chegam de toda a parte incentivos, razões e lenha para a fogueira. Ainda há dias começamos a focar os programas festivos da nossa terra, como aquela parvoçada de Sobrado de Paiva, e logo sobre a nossa mesa redactorial apareceram mais prospectos de igual teor, mas de forma muitíssimo pior. O que hoje damos à estampa, é assinado pela Mesa Gerente da confraria de Ventuzelo, risonha freguesia do concelho de Mogadouro. Não transcrevemos na íntegra pelas razões de sempre, mas damos o suficiente para se aquilatar das barbaridades que por cá se fazem:



GRANDE FESTIVIDADE

DA

Invenção da Santa Cruz

QUE SE VENERA EM

VENTUZELO — MOGADOURO

EM HOMENAGEM

AO

DIVINO S. S. CRISTO

DA

BOA-MORTE

Nos dias 2 e 3 de Maio de 1933

CRUZ DE JESUS DEFENDEI-ME

Há anos que a tradicional e muito concorrida festividade da Invenção de Santa Cruz, se têm feito com grande brilho e pompa, que igualmente continuará novamente em harmonia com os novos Estatutos, aprovados pelo Prelado da nossa Diocese de Bragança, sendo-nos proibido arraiais, portanto a nova meza, para dar cumprimento ao Artigo 10, Capitulo 4.º resolveu em sua sessão de 26 de Março proximo passado fazer uma festa devida ao Culto, a Deus, ao Bem e à Virtude.

Eis o Programa

No dia 24 de Abril dará principio a novena em honra do Divino Senhor e durante alguns destes dias se hão-de celebrar os officios divinos pelas almas dos irmãos falecidos que são em numero de 25.

No dia 2, terça-feira — celebrar-se-há o anniversario com missa cantada e tambem mais outros officios divinos.

No mesmo dia 2 pelas 2 horas da tarde serão annunciadas as festas com repiques de sinos. Pelas 6 horas sahirá uma imponente procissão, da Igreja, indo no andar

a V. N. Senhora do Rosario, dando entrada na capela do Divino Senhor da Boa-Morte, na qual o nosso Rev. paroco apresentará uma grande pratica, para a dita procissão, serão revestidos os nossos Cruzados e Cruzadas. As duas Imagens ficarão na dita capela até ás 11 horas do dia 3.

No dia 3 — pelas 8 horas do dia chegará a esta povoação a Banda de musica da Vila de Mogadouro a qual percorrerá as ruas da povoação tocando uma marcha alegre. Nessa occasião subirão ao ar alguns foguetes.

Das 10 horas para as 11 sahirão em procissão as duas Imagens da capela para a Igreja, onde a seguir será cantada a missa tendo ao Evangelho sermão pelo grande orador o muito digno Senhor Francisco Joaquim Neto, da Vila de Vimioso, e terminada a missa seguirá outra vez a procissão para a capela da Irmandade. A's 5 horas da tarde entrega da festa pela musica.

A's 6 horas da tarde arrematação de crias oferecidas ao Divino Senhor.

A meza faz esforços para que os sufragios e festas pertencentes a esta Confraria se façam da melhor maneira possivel.

E depois disto, dei-me ó gentes, se é possível dar mais erros em menor espaço. Felizmente que os mordomos, começam por dizer: *Cruz de Jesus Defendei-me!*... Se não fosse isso já tinha desabado sobre eles um dicionário de Cândido de Figueiredo pela medida grande, que os deixava sem orelhas, ou pelo menos com elas muito mais curtas.

O que é pena é que o Douto Agostinho não tenha sido sabedor deste prospecto. Pelo menos dar-lhe-ia assunto para 3 crónicas no *Diário de Notícias* e duas no *Comércio do Porto!*...

E já que falamos no velhíssimo jornal do sr. Carqueja, não fica fora de propósito a inclusão de uma notícia que no mesmo vinha no pretérito dia 25:

Albergaria dos Doze, 20

Choque de caminheta

No lugar da Caranguejeira, a caminheta pertencente ao sr. Adelino Paquim, e por este guiada, chocou violentamente contra um pinheiro, que ficou com o radiador e motor destruidos. Não houve, felizmente, desastres a registar. — G. A.

Pela qual concluímos, que esta albergaria, dá guarida a muito ignorante. Pois é lá possível que um pinheiro, por muito manso que seja, tenha radiador e motor?...

De o *Jornal de Notícias*, que também tem o bom senso de ser um jornal humorístico, recortamos a seguinte notícia cheia de *frisson* e de bellissimo estilo:

Uma luta entre lobos e javalis

A's primeiras horas dum dos dias da semana passada uns pastores da região da Calabria assistiram a uma estranha luta que se travou no campo. Durante a noite uma travessada de neve caiu sobre a montanha.

Uma alcateia de trinta e tantos lobos esfaimados e cheio de jrio, foi obrigada a descer ao vale. No mesmo instante subiam a vertente por onde vinham os lobos, alguns javalis fugidos aos tiros de uns caçadores. O encontro foi terrivel. Os felinos precipitaram-se sobre eles, procurando agarrá-los pelo pescoço. Estes defenderam-se com ardor, servindo-se das presas, como de navalhas afiadas. A luta prolongou-se pelo espaço de duas horas. A neve ficou ensopada em sangue. A vitória coube aos lobos que tiveram cinco mortos.

Enquanto aos javalis, só 4 conseguiram pôr-se a salvo.

Chama-se a isto uma descrição fotográfica. E' pena que o operador não saiba diferenciar um cão de um gato: nem de outra forma se compreenderá, a desfaçatez com que chama felinos aos lobos, quando eles coitados não passam de *Canis-lupis*.

Esta coisa de Zoologia não deve ser assim tão difficil que se misturem as espécies. Mas para o redactor do *Notícias* — porque isto não é uma correspondência da provincia, — deve ser quasi desconhecida. Apostamos, porém, em como elle se considera dentro da espécie mamifera não perissodáctila...

No *Diário de Notícias*, encontramos o seguinte anúncio:

Com pianista boa dona de casa

PIEDOSA, saudavel, esbelta, de sentimentos á antiga, ainda que integrada na educação moderna e pobre, mas não divorciavel. deseja cavalheiro tomar conhecimento para fins matrimoniais. Carta R. Conceição, 147, P. Z.

Admitimos tudo nesta espécie de anúncios, tudo! Que um cavalheiro sem vintém deseje conhecer uma dama milionária, ou que um homem que vive dos seus rendimentos tome a seu cargo para bons fins, uma dama sem morada certa. Mas que um homem na plena posse das faculdades annunciativas, peça para casar uma mulher, ainda que integrada na educação moderna e pobre, mas que tenha a qualidade de pianista, isso não! Isso vai além das nossas forças!... E' impossível! E vem reforçar ainda a nossa opinião, a necessidade exposta pelo casadoiro anunciante, de que a pianista não seja pessoa com figadinhos divorciáveis. E' espantoso! Só de se lembrar a gente que há-de aturar eternamente uma batedora de teclas até faz dó... maior!...

O CENTENÁRIO DA BIBLIOTECA

O formidável discurso do nosso director que nem convite arranjou. O livro livros. O Livro póstumo



Minhas senhoras e meus senhores. Lindíssimas representantes do belo sexo, e barbudíssimos espécimens do sexo oposto:

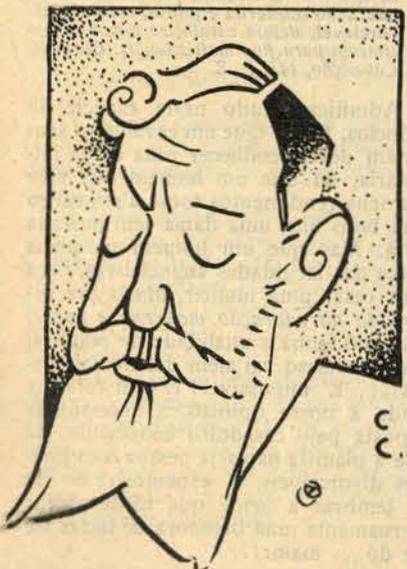
Vai falar-vos José de Artimanha, aquele célebre semi-careca, que tantas vezes vos tem feito tremer os tímpanos e as membranas do Eustáquio. Desculpa-o desde já. Vai falar-vos sobre um assunto quase tão esgotado como as edições de todos os seus livros.

Vai falar-vos do livro, em si, mas não por música, do livro, esse belíssimo condutor de obras tão baratas, tanto ao alcance do público, que quase se lhe pode chamar um condutor de obras públicas.

E neste dia em que se festeja no Pôrto o centenário da sua Biblioteca, falar do livro em geral é conduzir o público a uma ideia mais que alevantada. Mas falar do livro póstumo é qualquer coisa de mais grave do que o sr. Director desta casa centenária.

Meus senhores e minhas senhoras:

Para se entender bem um livro é necessário lê-lo. Mas para se entender um livro póstumo nem todos os edito-



res englobados. Como sabem, um livro póstumo é um livro que o autor escreveu depois de morto: os «Lusiadas», por exemplo:

Ora, os mortos mandam, como é de uso dizer-se nos comícios, e a mim mandaram-me a incumbência de dizer alguma coisa acerca disso.

Aqui estou no meu pósto, que nesta altura e por coincidência curiosa não é um pósto emissor.

Antes, porém, de entrar no verdadeiro assunto da minha conferência vou dizer a V. Ex.^{as} alguma coisa dos livros em geral, porque esta coisa de bater nos mortos não é lá muito simpática, nem para o meu feito, porque há mortos que parece mesmo que estão vivos.

Começarei por vos falar no *livro de mortaldas*, o que não fica fora de todo das diversas secções dos livros póstumos. Sim, minhas senhoras e meus senhores: O que é um livro de mortaldas? Em que se transforma? e o que é que lhe dá vida?

Um livro de mortaldas, é nem mais nem menos do que uma loja de armador: transforma-se em cinza e vive em fumo. Foi inspirado num livro de mortaldas que o ilustre escritor que é Augusto de Castro escreveu o seu livro «Fumo do meu cigarro».

Se em vez do fumo do seu cigarro, tivesse escrito «o fumo do seu charuto» já não seria um livro de mortaldas, mas sim um livro de folhas de tabaco o seu inspirador.

Um livro de mortaldas é, na literatura contemporânea, um dos raros exemplares que se saboreiam fôlha a fôlha, e do qual se despreza a encadernação.

Levem, porém, um destes livros à casa Fernando Machado e peçam-lhe uma encadernação de luxo! Verão depois como vale pelo menos um conto e quinhentos.

Em seguida passarei ao livro das compras, esse livro igualmente póstumo, que as boas donas de casa, gostam de ver em branco, e que os mercieiros, padeiros, sapateiros, e todos os restantes *eiros* que nos consomem a vida e os dinheiros, gostam de ver em negro.

O que representa, minhas senhoras e meus senhores, de arrelias, de consumições e de desaguidados, cada linha a mais escrita nesse livro?

E para as apagar — ou por outra, para as pagar somente, quanto suor, quantos equilíbrios, quanta privação! Este livro, chama-se o livro de assentos, porque sobre ele assenta às vezes a esperança de dias bem melhores. É um livro que se vai escrevendo dia a dia,

pela vida fora, e que só o dia 31 de cada mês consegue acalmar um pouco. O seu índice, é o índice do custo da vida; e o seu prefácio começa quase sempre por um quilo de batatas.

Na política, os livros preferidos são os de cor indefinida. E assim, encontramos quase sempre num facto importante da história, o livro branco e o livro negro. Estes livros, porém, tem uma qualidade indiscutível: todos os discutem, mas nunca ninguém os leu.

Destinam-se geralmente a dizer a verdade inteira, nua e crua; mas de ordinário, os brancos, desmaiam de tal forma que ninguém consegue ver-lhes as



letras; e os negros, ficam com uma cor tão carregada que lhes sucede o mesmo.

Como se a verdade fôsse coisa que se pudesse dizer ou escrever!? A verdade de cada vez se vai tornando mais intraduzível, porque o que não existe não tem definição. Em um livro, então, a verdade toma aspectos verdadeiramente impossíveis. No livro, a simplicidade para ser bela, tem de ser mentirosa; a sumptuosidade para ser sumptuosa tem de ser impossível.

Os únicos livros publicados nestes últimos tempos que tem alguma coisa de verdade, são os do Sr. Cunha da Raza, e o «segrêdo da minha confissão», de Alves dos Reis.

Há no comércio, vários livros póstumos também. Geralmente todos eles o são, porque em quase todos há as palavras Deve e Haver, e só se sabe o que há depois de morto, segundo reza a fábula:

«O negociante e o porco, depois de morto».

Façamos de conta, porém, que quase nunca há, ou que simplesmente Deve Haver, e vamos ao que importa:

Todos conhecem, ao menos por ouvir falar, o que é um *livro de actas*. E um livro tira-teimas, onde se deveria escrever tudo o que se diz, mas onde só se escreve aquilo que convém.

A's vezes não serve para nada e é daí donde vem aquela célebre frase, que se emprega a uma criatura que não presta: «Nem atas nem desastás».

O *Livro do Ponto*, é outro livro desgraçado. Trabalha sempre a meias com um relógio e marca a hora de entrada aos empregados que tem de rabiscar nêlê diáriamente, as horas a que saem e a que entram.

Mal comparado, é assim a modos



de uma subscrição para um funeral, onde há centenas de assinaturas com dez tostões cada uma. Por isso lhe chamei um livro póstumo, pois por sua causa muita gente tem ido para a rua. Eis a razão daquela maneira de dizer que tem o povo:

«Estive lá à horinha em ponto...»

O ponto é o livro.

Além dos empregados comerciais, também tem de estar em ponto, os guarda-freios, que tem até nove pontos, e os açúcares que devem ficar em ponto de rebuçado. Já o mesmo não acontece às costureiras que podem ficar em ponto aberto, e os farmacêuticos que se consolam com pontos naturais.

Mas há no comércio, um outro livro: o melhor, o mais acarinhado, um livro que se trás quase sempre chegado ao coração: é o *livro de cheques*.

É um livro de judeus que hoje ninguém despreza. Nem o Hitler!... Cada uma das suas fôlhas é cuidadosamente numerada e assinada pelo autor.

Edição cuidada, encadernação em oiro, dir-se-á que este pequenino livro, é a única bíblia por onde se guia a gente desta hora.

Bem sabemos que se não tiver uma capa suficientemente apresentada, ninguém dará nada por ele, porque não passará dum livro de cheques, sem cobertura. E neste caso, será como os livros comprados no Stand Lelo que dão direito a brindes: este daria direito a uma viagem até à Africa.

Como vêem, de todos os livros que lhes tenho falado, minhas senhoras e meus senhores, é este o único livro que não é póstumo, porque é imprescindível nêlê a assinatura do autor; às vezes sucede que, sem êle o saber, lho assinam; mas a isto chamam os livreiros de obras raras, uma imitação grosseira. Há outro livro ainda que não é póstumo e que é sem dúvida o livro mais antigo do mundo. Não é como poderão imaginar, o «Tribunal dos Pequenos Delitos» ou a «Bíblia», ou a «Eneida».

Não, é o *livro do Destino*. Aquele que trás em cada fôlha escrita, a sorte de cada um; aquele que se lê de olhos fechados, e cujas linhas são escritas nas linhas das nossas mãos. Esse formidável poema com milhões de exemplares, todos diferentes, do qual são grosseiríssimas imitações as buenas-dichas e as grafologias.

Livro incomensurável que ninguém acaba de ler, e cuja última página é quase sempre o começo do prefácio.

Mas, perdão. Desculpem V. Ex.^{as} que ia descambiando para coisas quase serias, e eu não tenho o direito de o fazer. O encarregado das coisas serias da família é o meu irmão mais velho.

É que eu não gosto muito de brincar com o destino, porque êle às vezes vinga-se, e a gente não sabe nunca para que lado estará voltado.

Quando me ponho a olhar para a palma da minha mão esquerda, a tentar decifrar no livro da minha vida, o que quer dizer aquele *M* muito grande e perfeito que lá tenho, perco-me em conjecturas:

A linha da vida é grande, e bem até ao pulso... mas o *M* quer dizer Morte.

O' senhores: mas pode ser também a inicial do meu nome: Monteiro, e da minha graça: Manha, e quem sabe até se a de qualquer outra palavra mais... mais palpável.

Por isso, rio-me de mim mesmo, e deito a mão para trás das costas. O meu destino quis hoje vos viesse aborrecer. E o destino de V. Ex.^{as} foi aturar-me, mas que culpa tivemos nós que o Juliano Ribeiro não falasse sempre?... A um livro de Eça.

Mas se gostarem não voltem a ouvir-me. Quando eu voltar a confe-



renciar, recorram a um livro de Eça. O de Eça te livro eu...

E para terminar direi apenas: O livro póstumo é aquele que o escritor nunca teve coragem de pôr na rua e que os herdeiros encontram incompleto numa gaveta.

A um livro póstumo, como é escrito depois de morto, pode-se-lhe chamar um *post-scripto*.

Ah! esquecia-me falar a V. Ex.^{as} num outro livro. O verdadeiro livro, o *livrinho*. Tem apenas quarenta fôlhas, e é lido centenas de vezes na mesma noite. Tem bonitas ilustrações, lombada a côres, e diversas *cenãs* interessantes. É em prosa e em verso, porque também tem *quadras*. Fala de *reis*, de *condes* e *damas* nobres. Mete *duques* e tem episódios *ternos*. Serviu várias vezes na história de Portugal; por isso, as *quinas* lá andam à mistura com os mais valentes *ases* das nossas epopeias.

Este livro é igual ao de Mariana Alcoforado. É todo em cartas... de jogar. Tenho dito.

J. d'A.





A Q U I J A Z

== Continuação do concurso da MARIA RITA == 50\$00 ao melhor epitáfio publicado ==

Aqui jaz Bento Pitreia
Um borracho impenitente;
Morreu c'uma bebedeira
De cinco reis de aguardente.

Remetente: Delim de Freitas.

Jaz aqui meu genro Augusto,
Há cêrca de meio ano.
Morreu, — tadinho — de susto,
Ao encaixar um banana.
Diz o povo hoje em dia
Que consumido está e bem,
Consumido já êle ia,
Quando partiu p'ro além.

Remetente: Zé Cagancho.

Aqui jaz Maria José,
Que fêz na vida um jogão,
Tantas fêz ao Barnabé
Que morreu d'abafação.

Remetente: Ferrabraz.

Aqui jaz o Maldonado
Que não veio por prazer,
Está isto comprovado,
Pois tiveram de o trazer.

Remetente: Mixórdia.

Aqui jaz homem de gôsto,
Boa figura, ilustrado,
Feliz e sempre bem pôsto,
Com viver muito à larga,
Morreu do triste desgôsto
De nunca lhe nascer barba.

Remetente: Nalcefanir.

Fugiste da minha vista,
Levou-te a morte daninha
E eu chamei um artista,
P'ra te fazer a caminha.
Pus-te à volta uma prisão
O' minha sogra adorada!
E a tampa do caixão
De bronze, que é mais pesada.

Remetente: Mário da Silva.

Aqui jaz José Reimão,
Pescador que foi em vida,
Morreu de cana na mão,
Perfeitamente estendida.

Dizem os velhos da aldeia,
Onde viu a luz do sol,
Que morreu só pela ideia,
De julgar que uma baleia,
Fêz pouco do seu anzol.

Remetente: Tadinho.

Um serrador aqui jaz,
António Pinto Bandeira
Por alcunha o «sagrêla».
Era muito bom rapaz
Mas deu-lhe na maluqueira,
Que havia de serrar madeira,
Com a Serra da... Estrêla.

Remetente: Fantasma Negro.

Descansa em paz, Antoninho,
Nessa cova de degrêdo.
Se te falta o meu carinho
Sobra-te agora o sossêgo.

Tua mulher adorada
Que em vida tanto te quis,
Depois que foste pró nada,
Já arranjou outro petiz.

Remetente: Marco Bebés.

Aqui jaz o vigarista,
António José Pelotas,
Um verdadeiro artista,
Em trocar papeis por notas,
Tinha astúcia, tinha sorte,
Que mesmo quási finado,
Quis vigarizar a morte,
Mas ficou vigarizado.

Remetente: Monteiro II.

Desinteresse ...



— Continuo esperando, resignado, a tua resposta ...

— A' carta?... ou à carteira?...

Será verdade?

— Que com a publicação do Estatuto, os escrivães consideram-se já em férias?

— Que sendo os emolumentos divididos por todos, irmãmente, agora é o não te rales e deixa correr?

— Que os processos agora é que vão andar... parados?

— Que o novo horário estabelecido pelos escrivães é o seguinte:

Entrada às 11 da manhã.

Das 12 às 14 almoço.

A's 16 saída.

A's 17 chá dansante na Cerca.

— Que o M. B. é um pisa-flores?

— Que é muito atencioso para as damas?

— Que o Sebastião oxigenou o cabelo?

— Que realmente parece mais novo, mas segundo dizem já não «pega»?

— Que os «espíritos» tem feito grande successo?

— Que adivinham tudo, menos o número da sorte grande?

— Que o Diogo B. no dia de S. Pedro, no Palácio fez um grande successo com o seu «plastrão»?

— Que as damas não tiravam os olhos dête?

— Que as pombas do Xico, para ganhar qualquer prémio nos concursos, é preciso levá-las e trazê-las de automóvel?

— Que o D. B. F. vai mandar aumentar um andar ao seu carro?

Garganta de Prata.

Conferências

A Conferência Económica Reunida na Suíça, Deu à casca, foi à... missa, Com os visos de cómica, Par'cia mais gastronómica, Pois a sua freguesia Todo o seu tempo perdia Em chásadas, beberetes, Lautos e caros banquetes... — Não 'stá-má a economia!

Pois por cá, em Portugal, Com distinta concorrência, Reünuiu a Conferência Do Império Colonial. Chegou tudo a bom final, Tratado com galhardia; E as colónias, hoje em dia, Tem belos elementos... — E cortes nos orçamentos... — Isto é que é economia!

Bisnau.

AMALGAMA

Remédio universal

Se obrigassem os conferencistas a pagar um imposto pelos adjectivos que empregam, uma grande maioria falava uma vez na vida.

Conheci um cavalheiro que gastava uma boa parte dos seus ganhos em expectorantes para a bronquite. Um dia, deram-lhe um penacho camarário e desde então nunca mais gastou dinheiro em tal; sempre que dava uma ordem aos subordinados, expectorava, sem querer, escudado nos privilégios do lugar.

Conhecimentos

O homem morre ignorando muitas coisas! Eu só ontem soube que havia uma santa — Santa Genoveva — com o altíssimo condão de conservar as mulheres estéreis.

Fui há dias apresentado a um cavalheiro rotulado de comendador erudito. Vim depois a apurar que a sua longa fama de cultura e rigor espiritual, provinha de tocar caixa por música.

Pieguice

Há pessoas que desconhecem a dor porque nunca lhes doeu a alma; esses seres vivem mortos.

Mulheres

Quantas há por aí que não casam somente por se saber dos seus passados amores — embora falsos — !?

Outras, devotas de Psiapo, que resvalam rehabilitam-se indo alugar casa noutra bairro desconhecido, lá longe, e assim salvam a honra.

Três Albinices Forjadas

Quando disseres verdades fortes, para te não prejudicares, substitui o teu rictus depreciativo e cortante por um franco ar de bondade.

O homem que tem temperamento de moço de recados, conquista facilmente achegos proveitosos e nunca encontra obstáculos. A sociedade por esses ídolos, sem um extremoção de consciência, é capaz de cometer prepotências.

Vista nua, dissecada,
Tua vida faz pasmar!
A mentira e a escada
Que sobes p'ra triunfar.

Sonates.

Outra razão

Discordo, doutor Pretito,
Dessa razão que apresenta,
Sôbre o tal caso exquisito
Que a nossa mente apoquenta.

Se Deus fêz primeiro um homem
E tirou dêle a mulher,
E' porque quis que o não tomem
Por um obreiro qualquer.

Contestando, vou ser breve:
Já que à Biblia te reportas,
Lembrarei que Deus escreve
Direito por linhas tortas:

Por isso é que o Sol — eu sei-o! —
Aos tintos tirando a côr,
Quando em brancos dá em cheio
Põe-os pretos, um horror!

Estes fortes desconcertos
Em que vemos a Natura,
Mostram de Deus os apertos
Na remota conjuntura!

Fêz trapalhadas sem conta
Para os homens decifrarem,
E se a tal mais os afronta
Natural é repontarem!

E na verdade a Escritura
Dando tal função ao macho,
Põe-nos em triste figura,
Deixa nos muito... por baixo!

Zé da Sé.

Posta restante

Agá Larbac — Seja — Recebemos o seu amável cartão e rogamos nos diga se devemos enviar para aí o livro.

Olegna — Atendido *incontinenti*. Seguem os livros ou manda por êles?

Tianol — Aquilo do inquilino é muito inclinado à maldade. Mande outras coisas.

Nelson Coimbra — Admitido com muitíssimo prazer. Mande o que quiser desde que esteja dentro das das normas *cacianas*.

Ad-Hoc

Complemento de várias quadras populares.

Alma, vida e coração
Dei tudo à mulher, em suma.
Só lhe não dei a vergonha
Porque não tenho nenhuma!...

A nossa fechada cheira,
E vale todos os bens;
A rosa aberta, não chega
Nem a valer três vinténs!...

A mulher, p'ra ser bonita
Deve ser; gaga e marreca,
Vesga, surda, desdentada,
Caneja, muda e careca...

Por eu te tirar a nódoa
Que te manchava, menina;
Já me dizem por aí:
— Olha o frasco de benzina!...

Du minha janela à tua
Vai o salto d'uma cobra,
Tu já devias saber
Que eu sou pau p'ra toda a obra!

Quando o sobreiro der baga
E fôr ao fundo a cortiça
E' que deixa de existir
Sopa de grão com nabiça!

José Alves.



A PENSAR MORREU UM BURRO

ÓRGÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL

CHARADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

I ANO - N.º 16

DIRECTOR: ZÉ CAGANCHO • REDACTOR: REI DAS MUSAS

15 DE JULHO DE 1933

Decifrações do n.º 14 — 1) Cápote, 2) Cão-criador, 3) Açore, 4) Baldemar, 5) Cãopere, 6) Suldado, 7) Equívico, 8) Vanana, 9) Sabola, 10) Cãocurso; 11) Paviola, 12) Taresa, 13) Chãoça, 14) Assocre, 15) Bágito, bato, 16) Batalha, balha, 17) Vila do Conde, 18) Muito riso, pouco siso.

Decifradorez — Busina, 17; Rei do Orco, 17; Otter, 16; Horaciano, 16; Sepol, 16; Reirobi, 16; Ricardo A. Franco, 15; Monteiro II, 14; Fantasma Negro, 14; Seria, 14; Lérias, 14; Feirante, 14; Tripeiro, 13; Nelson Coimbra, 8.



Charadas em verso

(1)
Despedi-me do Carneiro, — 1
E mal a esquina voltei,
C'um transeunte esbarrei, — 2
E fui contra um candieiro.

Fantasma Negro.

(2)
A primeira parcial
População representa; — 1
Esta, aqui, já decifraste? — 1
E' curva mas nos contenta. — 2

Ao ofertar-te leitor
Este trabalho singelo,
Desconfio, o director
Nem sequer o mete ao prelo.

Seria.



Novíssimas

(3)
O pássaro do Damião, está a escrever
um livro com muito esmêro, sôbre
a criação das aves. — 2, 3.

Vitranhadalsa

(4)
O animal, ao atravessar o rio ficou
estafado. — 1-2.

Monteiro II.

(5)
Aqui se tem^o regalado à sombra
desta árvore o malandro do rapaz.
— 1, 2.

Horaciano.

(6)
Queimo nesta fogueira, a fotografia
dêste panorama e a flor. — 2, 2.

Lérias.

(A Rei do Orco, ilustre charadista da velha guarda)

(7)
Só eu era a favor daquele homem
que o senhor conhece como mendigo.
— 1-1.

Sepol.

(8)
Hei-de beijar-te a face quando estiver
curado duma ferida que tenho no
peito. — 2-1.

Rutra Luar.



Sincopadas

(9)
3 — Este escritor (?) dos Ecos, é
exímio neste jôgo. — 2.

Lérias.

(10)
3 — Aquela mulher indolente, só
come pão! — 2.

Serigaita.



Eléctrica

(11)
A mulher deita mau cheiro da bôca.
— 3.

Serigaita.



Tipográficos

(Ao meu bom amigo e confrade Olegna)

(12)

OOOO	S.
OOO	
OO	
O	

Sepol.

(13)

TA	E
NOTA	NOTA
U	500 U

Rei do Orco.

Maçadas geográficas

(14)
Formar o nome duma terra portuguesa com as letras da seguinte frase:

OLEGNA TEM R...

Monteiro II.



Provérbio a adivinhar

(15)
Uma vez ia a correr
E escorreguei, catrapim,
Alguém, trocista a valer,
Divertiu-se a rir de mim.

E' bem feita, disse então,
Ainda a rir de contente;
Mas dando um trambolhão
Mas cair, cai tôda a gente.

Sabem então o que fiz?
Respondi logo a seguir:
"Há um ditado que diz,
....."

Lérias.



Enigma a prémio

Edipo foi o feliz a quem foi conferido o livro, de Campos Monteiro, filho, *Céus de Fogo* pelo seu interessante enigma inserto no n.º 10, desta secção, cuja decifração é *Bouquet*. Muitos parabéns não só pelo prémio que pode procurar na nossa redacção, como também pelo seu trabalho belamente urdido.

Charada a prémio

Continuando na mesma trajectória que iniciamos, ou seja: encher de prémios os colaboradores da Secção Charadística da MARIA RITA, vimos participar que será contemplado com um exemplar de *Um ar da minha graça*, o autor da melhor charada em verso que nos seja enviada até ao dia 31 do corrente mês de Julho.

Como vêem, é um nunca acabar de prémios e, portanto, mãos à obra!

Para Pintar Use aredes

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-1.º — Tel. 2571

uma tinta que se

prepara em 10 minutos
seca em 10 horas
dura 10 anos

Editorial

Difamação do automóvel

O delírio das velocidades, é uma frase com que os peões nos atiram nem que o carro não tenha gasolina. Pode um condutor cauteloso levar o carro apenas a 120 à hora, que o maldito peão murmura imediatamente. — E' a tal coisa; andam estes brutos a mais de 50 e não querem depois ter a culpa dos desastres sucedidos. —

E' por esta razão que alguns automobilistas apanham o peão à unha. Outros, menos cordatos e apaziguadores, apanham-no mesmo com um guarda-lamas da frente, o que é mau e pouco lucrativo porque os guarda-lamas são caros e a pintura não se faz com a mesma facilidade com que se pinta uma fachada senhoril.

Os perigos do automóvel! Outra frase que as pessoas com mais de cinquenta anos ou os meninos imberbes dizem a cada passo. E afinal onde é que estão os perigos do automóvel? Em custar caro? Em cair em ribeiras abaixo e quebrar apenas as costelas tôdas? Em chocarem na primeira curva, com conseqüências muitíssimo piores do que as que acontecem quando se chocam meia dúzia de ovos? Mas não é verdade que neste caso ficam os dois carros estrelados? E nos outros supra-mencionados não é verdade também que os carros ficam quasi sempre menos danificados que o respectivo pessoal, e se custam caros é só quando estão novos porque em velhos já não valem um pataco?

Onde é que estão então os perigos do automóvel?

Ah! Já sabemos. E' nas passagens de nível, respondem-nos à queima-roupa. Mas afinal que quererá dizer nível?

Muito simplesmente quer dizer que é um instrumento capaz de nivelar, de igualar, de pôr no mesmo plano.

E se é assim, porque então tanto susto, quando um combóio surge e está um automóvel no meio da linha?

E' uma passagem de nível, e como tal, tanto pode o combóio dar cabo do carro, como o carro do combóio.

Na nossa opinião, portanto, não existem os perigos do automóvel, nem o delírio das velocidades. São palavras para disfarçar.

Ensinamentos práticos

Para pôr um automóvel em andamento

A primeira coisa necessária para isto é que o carro esteja parado; caso contrário é muito mais difícil. Portanto, quando se nos depara um carro parado, é conveniente não fazer muito barulho, não vá ele espantar-se. Vai-se de roda muito mansinho e salta-se para cima d'ele.

E' natural que ele diga alguma coisa mas a gente não faz caso.

Uma vez em cima, dá-se-lhe uma espora na *demarrear* e ele então começa a ranger



O nosso Landrú
(Condutor)

os dentes. O atrito faz calor, segundo a física, o calor produz energia, e ele aí vai com fogo no rabo que ninguém mais o apanha. Nem o dono!...

Os polícias sinaleiros

São uns santinhos que estão quasi sempre à porta das igrejas. Lembra-nos ter visto nas seguintes: Congregados, Santo Ildefonso, Trindade, e Capela das Almas. Passam um dia inteiro a fazer gestos, muito têsos e apumados como se estivessem na frente de um espelho.

Estão quasi sempre zangados com os automobilistas, mas se adrega de passar um carroceiro de bois dão-lhe as mãos tôdas, oferecem-lhe lume pró cigarro, dão-lhe uma ajuda de ombro, e pedem-lhe desculpa por não poder acompanhá-los a casa.

Ainda havemos de dizer mais coisas a este respeito.

Vocabulário automobilístico

Pinhão

Esta palavra tem duas significações. A primeira emprega-se quando se fala duma peça que vai incidir sobre uma roda de corda. A' segunda é quando um desvairedo dá um encontrão no automóvel e parte pela espinha. Chama-se a este tresloucado acto, levar um pinhão e peras.

Sinais da estrada

Há muitos. De onde a onde, também se encontram criaturas a fazer sinais. Mas estas, são quasi sempre pessoas conhecidas.

Há alguns condutores que também fazem sinais quando guiam; pelo menos o sinal da cruz temos visto fazer a muito menino que em religião diz usar o escape livre.

Notícias da última hora

O Arnaldinho Opel comprou um casaco furta-côres com o distintivo nas costas.

O Barbosa Plymouth vendeu meia dúzia de carros sem ninguém ver.

O Meneres Ford, diz que tudo isso é mentira, e o Cândido Mota partiu para Lisboa a saber a coisa ao certo.

O Aguilar da Rua das Flores, deu agora em vender «peixe espada». Deus nos livre de sermos atropelados por um carro dos défe!...

Anúncios

TROCA-SE — Um Ford dos muito velhos, sem rodas, nem capota, nem nada. Aceita-se em troca uma bicicleta ou um triciclo.

VENDE-SE — Um carro de paralisico com *demarreu* eléctrico. Tem a força de quantos cavalos lhe atrelarem.

PNEUS — Usados, para solas *Broakman*, compram-se. Cancela Velha.

OFERECE-SE — Um cavalheiro habituado a andar de automóvel todos os dias. Tem no activo 52 esbarradelas, e está muito habituado a trazer feridos no collo.

ALUGA-SE — Um volante em segundas mãos. Unica recordação de um automóvel de família, sem impressões digitais nem nódoas de qualquer espécie.

O novo OPEL --- o carro preferido pela "elite,,

Aquilo que nós sabemos

Grande Concurso Poético da MARIA RITA

Novamente nos vemos forçados a deixar para o próximo número, muitas quadras do mote a concurso. Isto prova que os Concursos da MARIA RITA, são cada vez mais apreciados.

Só para a semana, pois, daremos novo mote, e oxalá os nossos concorrentes se limitem a uma só quadra, para não sermos obrigados a cortar grande número delas.

A mulher p'ra ser bonita
Nunca se deve pintar,
Mas para ser mais catita
Só pó de arroz deve usar.

Ésoj Otrebla.

A mulher p'ra ser bonita,
Estuda mil posições;
Quantas vezes — pobrisita!...
Passa a viver de ilusões!

Serigaita.

A mulher p'ra ser bonita,
Deve ser do meu agrado,
Como a MARIA RITA,
De nariz arrebitado.

Octávia Maria.

A mulher p'ra ser bonita
Há de ter boca de raia,
Rabo de «lula» ou «faneca»,
Combinação que não saia.

F.

A mulher p'ra ser bonita
É boa como nós queremos
Basta que tenha bem bom
«Aquilo que nós sabemos».

F.

A mulher p'ra ser bonita
É para agradar a todos...
Como a MARIA RITA
Há de ter muito bons modos.

Folhadela.

A mulher p'ra ser bonita
Não precisa de pintura,
Basta que tenha perfeito,
Aquilo que se procura.

Hermano Folhadela.

A mulher p'ra ser bonita
Deve ter olho rasgado
A boca mui pequenita
E o nariz arrebitado.

Zé Maria.

Não sendo ela aleijada,
Ou vesga ou hermafrodita,
Basta-lhe andar bem lavada
A mulher p'ra ser bonita.

Jarrêta-mor.

A mulher p'ra ser bonita
Tôda nas modas se lança
Tôda ela se arrebita
Quando toca aspa e dança.

Farináceo.

A mulher p'ra ser bonita
De várias coisas precisa
Mas era bem mais catita
Se andasse sempre em camisa.

(Vila Real).

Quim Grande.

A mulher p'ra ser bonita
Deve ter dose elevada
Do sal da MARIA RITA,
Dinheiro e... cara lavada!

(Santo Tirso).

Adriano X Nel.

A mulher p'ra ser bonita
Deve ser do arrabalde
Onde a musa se exercita
No poeta Garibaldi.

Jarrêta-mor.

A mulher p'ra ser bonita
De modas nunca se farta;
Pinta os lábios, pinta o olho,
Pinta o raio que a parta!

Farináceo.

A mulher p'ra ser bonita
Basta-lhe esta condição:
Fazer da manga, manguita
E adeus dizer no Rolão

Jarrêta-mor.

A mulher p'ra ser bonita...
Mulheres bonitas não há,
Enquanto MARIA RITA
Fôr aqui nossa mamã!...

Pirolito.

A mulher p'ra ser bonita
Não deve usar a pintura...
Já ninguém corre p'ra fita
D'uma falsa formosura!...

Alfredo Cunha (Raza).

A mulher p'ra ser bonita
Não precisa vestir bem.
Há muita moça catita
Mas que nem camisa tem!

Lopes Pereira.

A mulher p'ra ser bonita
Nunca se deve pintar;
Bem faz a MARIA RITA
Que a ninguém quer enganar...

Sepol.

A mulher p'ra ser bonita
É p'ra ser do meu agrado
Deve ler MARIA RITA
E gostar do namorado.

Kalteleb-Elmá.

A mulher p'ra ser bonita
Pinta, eu sei lá o quê...
Começa a pintar os olhos,
Acaba onde não se vê...

Fandeltro.

A mulher p'ra ser bonita
Entre outras coisas convém,
Que tenha um dote catita
É que já não tenha mãe...

Lérias.

A mulher p'ra ser bonita,
Deve ter um sinalzinho;
Como tem MARIA RITA
No centro do seu... queixinho.

(Aveiro).

Olegna.

A mulher p'ra ser bonita
É ser boa companheira,
Deve chamar-se por RITA
E ter farta... bigodeira.

(Seia).

Agá Larbac.

A mulher p'ra ser bonita
Deve-se sempre parecer
Co'a nossa MARIA RITA
Que é um amor de mulher.

Zé Barão.

A mulher p'ra ser bonita
É p'ra se fazer amar
Não deve ser esquisita
E deve saber beijar...

Inês.

A mulher p'ra ser bonita
Há de ser meiga e bondosa
E como a MARIA RITA
Nunca deve andar chorosa.

Alcino.

A mulher p'ra ser bonita
P'ra ser mulher ao meu gosto
Terá boca pequenita
E um sinalzito no rosto.

«Miss» Diabo.

A mulher p'ra ser bonita
É p'ra ser do meu agrado,
Deve ser MARIA RITA
C'o nariz arrebitado.

Delfim de Freitas.

A mulher p'ra ser bonita
É do meu agrado inteiro
Além da cara bonita
Exijo um Pai com dinheiro.

S.

A mulher p'ra ser bonita
Moderna e provocadora
Lerá a MARIA RITA
Que é uma santa senhora.

S.

A mulher p'ra ser bonita
Tem de se pintar com geito
E nunca olhar p'ra um «guita»
— Que são homens sem respeito.

S.

A mulher p'ra ser bonita
Passa um trabalho incessante;
— Dando a impressão exquísita
De drogaria ambulante.

Bota de elástico.

A mulher p'ra ser bonita
Não deve ter presunção.
— Pois dá ideia exquísita
De péssima educação.

Clarinha.

A mulher p'ra ser bonita
Deve ter bom coração;
— Não como a MARIA RITA
Que matou o Damião.—

(Seia).

Xina Melo Cabral.

PEÇAS E

OSTEIRO
S.P.E.C.H.



SÉTIMA PEÇA DO CONCURSO

UMA SURDEZ PERIGOSA

Peça de longo alcance, em três actos, sendo um deles o de confissão

PERSONAGENS { As manas Brites
O Luís Brêtes
A viúva Bruto

(A cena passa-se nas bancadas de uma tribuna, durante a corrida de automóveis. Sentadas lado a lado, estão as manas Brites. Atrás delas, derretido, o Luís Brêtes. Ao lado, muito surda, a viúva Bruto.)

ACTO PRIMEIRO

O sr. Cunha da Raza, filho, de calções pelo joelho, como os bebés, só lhe faltando a fralda a aparecer no meio deles, dá o sinal de partida. Os carros abalam todos com um barulho infernal.

A BRITES MAIS VELHA, para a mana, com um gritinho histórico — Cá vão eles! Repare como os Sameiros já tomaram a cabeça do pelotão! Ah! E' um grande corredor, o Vasco!

A BRITES MAIS NOVA, com uma falhinha de palhaço de feira — Eu cá gosto mais do Roberto! Oh! O Roberto! Vês? O carro que vai à cabeça é o do Roberto! (Com os olhos quási todos em branco) Ah! Como eu o adoro!

A VIÚVA BRUTO, que é surda como um polívia sinalheiro e só ouviu as palavras finais rosna em surdina — A cabeça do Roberto! Bem me parecia a mim que tinha ficado ao lado de duas grandes descaradas!

ACTO SEGUNDO

Intervalo. Acabaram as primeiras provas. Vai-se iniciar agora a categoria «Corrida». As manas Brites falam animadamente para trás para o Luís Brêtes. Ao lado, hierática, a viúva Bruto olha-as de soslaio.

O LUÍS BRÊTES, fazendo boquinha, para as manas Brites — Ai, filhas! Confesso-lhes desvanecido que gostei! Que volantes assombrosos, que vistas de água, que músculos de aço!

A BRITES MAIS NOVA, desdenhosa — Sim! Não correram mal. Pena foi que a Délage do Roberto, que ia à cabeça, ficasse empanada!

A VIÚVA BRUTO, apurando os restos do ouvido que a natureza lhe deixou, rosna sempre em surdina — O Roberto, com a cabeça empanada! Sim senhor! Escolhi um lindo lugar, não haja dúvidas!

A BRITES MAIS VELHA, berrando, para a irmã — Cá passou êle! Era o Vasco! Aquilo é que é correr! Vê lá se o irmão o apanha!

A BRITES MAIS NOVA, esganiçando-se também — Verás como o vai passar! O que vale ao Vasco é agüentar-se melhor nas curvas!

A VIÚVA BRUTO, rosando sempre — Agüentar-se nas curvas! Malcriadonas! Em que sítio eu vim cair!...

O LUÍS BRÊTES, metendo o bedelho na conversa — Mas... ó filhas! O carro do Roberto tem obrigação de ganhar! O do Roberto tem mais potência!

A VIÚVA BRUTO, que ouvira apenas a última frase, rubra de cólera, dirigindo-se aos três — Seus malcriadões! Nem ao menos se lembram que estão perto duma senhora! (Levanta-se e sai como um tufão).

K.

ACTO TERCEIRO

Começam as segundas provas. Os carros passam velozes, por diante da assistência, que acena com lenços. E' preciso falar-se muito alto, para as vozes se ouvirem.

CARTAZ DE HOJE

Rivoli: Sessões de cinema com os melhores filmes.

Trindade: O grande êxito da temporada, *Apasionadamente*.

Batalha: Os filmes de sucesso *O Salto Decisivo* e *Sangue Vermelho*.

A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 16 ADEGAS: R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Liceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195; R. de Santa Catarina, 823 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5302; R. da Constituição, 1395; Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cor-douaria); L. Maternidade Júlio Denis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno); Trav. da Búnharia, 24-26 (Esq. da R. dos Moreadores), Telef. 905; R. Anselmo Braamcamp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esq. Av. dos Combatentes); R. S. Vitor, 143-A. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da Estação. EM LEÇA PALMEIRA — R. do Castelo, 17 e 19.



Nome

Pontos

Morada

(Cortar por aqui)

Em virtude de inúmeras cartas que temos recebido neste último dia pedindo explicações sobre este concurso, o que veio colocar muitas pessoas na contingência de não poderem concorrer, repetimos a barraca co-respondente à 1.ª Semana. Os concorrentes que já enviaram, nada terão que fazer, salvo se quiserem jogar em duplicado.

Quem quiser concorrer, não tem mais que marcar na gravura acima, **nove** dos 26 bonecos publicados. A marcação pode ser feita de qualquer forma: ou cortando ou riscando, os nove bonecos em que deseja acertar. Depois remetem a **barraca** para a nossa redacção até à próxima quinta-feira. E não deve esquecer o registo do nome ou pseudónimo adoptado, e a respectiva morada.

Ver condições e prémios na nossa segunda página

No próximo número, será publicada esta mesma gravura sem os **cinco** bonecos que temem de morrer esta semana, de acordo com o envelope lacrado correspondente à primeira, que está exposto desde hoje nas montras da Agência de Publicações, na Praça da Liberdade, do Porto. **No número seguinte daremos a lista dos concorrentes e dos prémios atribuídos a cada um.**

Pede-se o favor de reclamarem no caso de não estar de acordo o número de pontos atribuídos. A tudo se dará resposta, porque nos concursos da MARIA RITA impera a

Honestidade e o Escrúpulo

Visado pela Comissão de Censura